

CUMPRE AO OPERARIADO VELAR

pela protecção das mulheres e menores nas indústrias, materializando as resoluções do próximo Congresso Confederal

O próximo Congresso Confederal vai, entre outros assuntos importantes, ocupar-se da exploração a que estão sujeitas as mulheres e os menores nas indústrias.

E' este um assunto sempre palpitante, se atendermos a que cada vez mais depressamente se torna a situação da mulher que a luta pela vida lança para fora do lar, sujeitando-a às modalidades da exploração capitalista que, inexorável, não atende, nem à debilidade do sexo, nem ao respeito moral devido à mulher. Nas indústrias fabris são-lhes distribuídos por vezes os mais rudes trabalhos, por uma extensão de tempo superior às suas forças físicas e incompatível com a sua missão de mãe e de mulher com responsabilidades no lar. Nos trabalhos campestres ela arrasta uma vida penosa, forçada a ser concorrente do homem por uma remuneração ínfima, seu esforço empregado em ocupações violentas, sua sensibilidade exposta a mil perigos. Em outras ocupações aparentemente mais leves, quer curvada dia e noite sobre a máquina de costura, laborando delicadamente vestuários, quer dedilhando nervosamente a máquina de escrever, quer nos vários estabelecimentos reclamando com a sua beleza artigos, muitas vezes, avariados, ela é sempre explorada.

Por toda a parte e sempre espantosa a tuberculose, vendo doloridamente os filhos entregues à viciação da rua ou a duvidosos cuidados estranhos, exposta às grosserias e concupiscências dum patrão brutal ou devasso, dum menageiro, do encarregado, ou do próprio companheiro de trabalho menos escrupuloso. Uma parte da população operária feminina, pode dizer-se, constitui uma ampla partícula da prostituição—dupla prostituição—em que a mulher é ignobilmente explorada no seu esforço físico e cubilada na sua beleza.

Por todos estes títulos, ela é bem digna do interesse que vai dispensar-lhe o Congresso Confederal, interesse que deve ser seguido pela acção do operariado, no sentido de evitar que a exploração que impende sobre a mulher continue a reflectir-se

se-lhe nos lares, conquistando-lhe uma situação que lhe permita não traír o seu papel de boa esposa, de educadora de seus filhos e de equilibradora do seu lar.

E' também degradante a situação dos menores operários. Em todos os meios de produção, enxames de crianças, na idade mais tenra, atrofiam-se física e moralmente. Roubados à escola que os devia instruir, apurando-lhe os dotes de inteligência e as suas vocações, predispondo-os para a luta pela vida, viciados pelo ambiente deletério da rua e pelas exhibições dos cinemas, vão, como carne de exploração precoce, sujeitar-se a rudes mistérios e, quantas vezes, a um ambiente não muito acolhedor e moral nos locais de trabalho.

E' supinamente degradante o espectáculo que constantemente se difunde, de jovens operários feitos bestas de carga, puxando, em carros ou sobre os débeis dorsos, pesos superiores às suas forças.

O próprio Estado, nas suas fábricas, procede como o bom burguês que não conhece as leis do menor esforço nem as de defesa humana; e explora, escarnecedor de si mesmo, crianças de menos idade do que a lei permite.

As criaturas galantes que burlam pelo escrito e pela palavra a defesa e elevação da raça não se preocupam com estas coisas; e a própria Sociedade Protectora dos Animais, preocupando-se com a magesa e maus tratos infringidos aos animais, ainda não reparou nesta aviltante verdade, de serem engatados a carros crianças famélicas e doentes, enquanto que outras, nas fábricas, são deformadas pela ganância do capitalismo.

Não há, pois, leis de protecção às mulheres e aos menores, ou se existem emborecem nos arquivos do Estado.

Ao operariado compete defender-se, defender consigo a mulher e a criança, dando assim expansão aos seus anseios de liberdade, não limitando o seu entusiasmo às afirmações e resoluções do próximo Congresso Confederal.

Notas & Comentários

«Os Inveníveis»

Santos Franco, conhecido burlão que está sendo interrogado no Governo Civil, explicou do seguinte modo a existência duns cartões de identidade do Grupo «Os Inveníveis», grupo que, segundo as informações da polícia, era constituído apenas por indivíduos que se dedicam ao roubo e ao «conto do vigário».

«O grupo dos «Inveníveis» é uma instituição do mais completo saneamento da República. Só entram para socios homens de bem... Só esses!»

Santos Franco tem razão, o vigarista está na verdade. Há muito tempo que o país vem sendo governado pelos «Inveníveis»...

O ridículo e o revoltante

A guerra de Marrocos é um dos maiores crimes que a História da Humanidade registra. Os principais criminosos são os governantes espanhóis e franceses, serventuários do capitalismo ambicioso dos respectivos países. Principalmente a França, a França das afirmações e das lutas liberais, está desmentindo o seu passado. A corrente radical predominante agora naquele país contradiz o seu programa, fazendo uma política de barbarismo imperialista. Os povos sorriem das afirmações de paz mundial e de independência das nações que Painlevé vem de fazer no ridículo e hipócrita Congresso da Paz.

«Civilização barbara»

Primeiro de Rivera mandou, por meio da aviação, lançar sobre os campos dos rifenhos manifestos convidando-os a depor as armas e a colaborar na obra civilizadora da Espanha e da França. Esses manifestos terminavam com ameaças: quem não se submetesse choraria amanhã «lagrimas de sangue». Primeiro de Rivera falou pela Espanha reaccionária e barbara. As suas palavras—«lagrimas de sangue!»—são bem a expressão da «selvática civilização» dum povo que pretende à viva força alargar o outro que se sente no direito de viver em liberdade.

Gesto meritório

O leitor certamente ainda está lembrado daquele caso da explosão dum bomba na rua da Procissão, da qual resultou ferido o marceiro Fernando Varanda que após dois meses veio a falecer no hospital. Trabalhava esse operário na oficina do sr. Luis Garcia de Macedo, travessa do Alcaide, o qual, num gesto que muito o enobrece, pagou integralmente as faturas daquele operário durante o espaço que media entre a explosão e o seu falecimento. Além do que fica exposto, o sr. Macedo pagou do seu bolso todas as despesas do funeral. Isto foi-nos contado ontem pela viúva daquele operário, que nos veio solicitar para, por nosso intermédio, testemunhar o seu reconhecimento a esse industrial.

Como nunca recusamos aplausos aos grandes gestos, aficamos a pretensão da desdita viúva que se viu assim auxiliada por quem raras vezes tal pratica—o patronato.

Sinais dos tempos

Na Hungria, segundo conta a jornal Novidades, há falta de padres. Os seminários vêm diminuir a sua frequência com uma rapidez assustadora. A mocidade não quer sacrificar-se em holocausto à causa divina. O mesmo jornal aproveita o ensejo para confessar também que em Portugal se verifica a mesma crise de padres. A juventude prefere gozar a vida moderna, toda vertiginosa, alucinosa e febre, a entrar nos seus verdes anos entre os paredões do seminário, onde nem ao menos em dias de missa cantada, se ouve um pouco de «jazz-band».

E a mocidade de hoje tem razão. Ingressar na carreira eclesiástica é transportar-se a séculos pretéritos, a épocas mortas—é suicidar-se. Talvez por esta tendência inata na juventude de determinar, padres há que rasgam a batina e enveredam pela vida secular e outros, sem deixarem de ser padres, vivem como não o fossem.

Dualidade de critérios

Sempre foi para nós um motivo de asombro a facilidade com os conservadores conseguem ver questões da mesma natureza com opostos critérios. Se se trata, por exemplo, de liberdade de imprensa, pregando a liberdade de expressão da imprensa adversa; se se trata de direito ao conforto, criticam-nos sempre que um operário o disfruta, mesmo instantaneamente.

Ainda ontem o «orgão das forças vivas», na mesma página, referindo-se a assuntos de identidade natureza os encavava sob princípios contraditórios. Assim, insurgia-se contra o facto de estar parado o processo dos implicados no 19 de Julho, porquanto essa demora obrigava os acusados a permanecerem longo tempo à espera de julgamento, mas insurgia-se também contra o facto do ministro do Interior ter ordenado a libertação de duas criaturas (que classificava de legionários) que não tinham culpa formada.

Vão lá entender estes ponderados conservadores... «O' ai, ó linda!»...

Isso das peregrinações a Lourdes e à cidade eterna não passa, pelo que se depreende, duma santa padogéria. O enviado especial do órgão católico vai-nos dando, em notas de reportagem, a impressão de que a peregrinação se assemelha muito àquelas excursões que certas sociedades de «harpa e dança» realizam aos arredores. Estamos vendo os peregrinos de guitarra em punho, borracha de vinho a tiracolo, farnel de bolinhos de bacalhau, cantando o «ave» como quem entoa o «ai ó linda»... Explica-se, assim, o motivo porque tanta gente manifesta os seus sentimentos religiosos, incorporando-se em peregrinações...

Restos duma aventura

BERLIM, 9.—Segundo um telegrama de Belgrado, o general Wrangel dissolveu o seu estado maior, que conservava junto de si, desde a retirada da Rússia.

A origem do pacto franco-espanhol sobre Marrocos

franco-espanhol sobre Marrocos

Franceses e espanhóis acabam de iniciar uma acção combinada contra as forças de Abd-el-Krim, as forças espanholas sofreram o primeiro revés na tentativa de desembarque em Alhucemas.

A artillaria rifenha poz a pique um transporte de tropas quando pretendia aproximar-se do ponto de desembarque.

E' fácil que os dois exércitos consigam apoderar-se de Aixdir, cidade onde estão concentradas as forças rifenhas, mas esta operação custará a franceses e espanhóis rios de sangue.

Esperemos os acontecimentos: entretanto será interessante que os leitores de A Batalha, saibam coisas que até agora eram ignoradas pois constituem segredos diplomáticos que um acaso fez chegar ao meu conhecimento.

Após a viagem do rei de Espanha a Itália, falou-se muito num acordo secreto firmado entre os dois países, facto este que foi desmentido pelas respectivas chancelarias.

Agora com elementos seguros vou explicar o que há sobre este caso. A Espanha e a Itália firmaram um acordo, que tem por fim assegurar a ambos os países o predomínio sobre o mediterrâneo, por esse acordo, a Espanha compromete-se a permitir que em caso de guerra a Itália faça nas ilhas Baleares e Canárias uma base naval para a sua esquadra, em troca, a Itália dar-lhe todo o seu apoio à Espanha caso esta se encontrasse em idênticas circunstâncias.

Este acordo preocupou seriamente a França, preocupação que aumentou com a ofensiva dos rifenhos contra as tropas francesas.

O governo francês poz em campo a sua diplomacia para conseguir a anulação de tal aliança.

Para tal fim enviou a Madrid o ex-ministro Malvy, que goza de muitas simpatias na Espanha onde passou o tempo em que esteve desterrado da França.

A-pesar das suas habilidades, Malvy, não conseguiu o seu objectivo, mas para afastar o perigo que tal acordo representa para a França conseguiu fazer uma aliança com a Espanha para tal-a desta forma segura e anular em parte as pretensões italianas.

Para este acordo chamamos a atenção do leitor e de todo o povo português, pois não só não em perigo as liberdades do povo espanhol, como a própria liberdade dos portugueses, que têm nos tiranos espanhóis o seu maior inimigo.

Eis a aliança franco-espanhola:

1.º Uma acção combinada contra os marroquinos.

2.º Perseguição mútua dos desertores e refractários de ambos os países, que serão presos e enviados as linhas de fogo.

A França perseguirá tenazmente os refugiados espanhóis, impedindo toda a propaganda contra a ditadura de Primo de Rivera.

Este acordo já foi posto em prática na França.

As autoridades francesas acabam de notificar aos redactores do *Tiempos Nuevos* que é expressamente proibido não só falar da guerra de Marrocos, como atacar Primo de Rivera e Afonso XIII.

Como o jornal não obedecesse a ordem tão absurda o seu redactor V. Orobon foi preso e expulso da França. O jornal é apreendido e os refugiados espanhóis são ferozmente perseguidos.

Os comícios contra a ditadura espanhola foram terminantemente proibidos e os próprios Orobon e Soriano é proibida qualquer manifestação escrita ou falada contra o Directório!

Convém lembrar que quando Unamuno e Soriano foram desterrados da Espanha, Painlevé, actual presidente do conselho de ministros da França, presidiu na Sorbonne ao comício de protesto efectuado então contra o acto brutal do governo espanhol.

Foram também os radicais franceses os que enviaram um vapor a Fuerte-Ventura para libertar os dois políticos espanhóis.

E são esses senhores, hoje no poder, que perseguem as vítimas que receberam em seu seio!

E' a Espanha reaccionária e clerical de mãos dadas com a França dos Direitos do Homem!

Que surpresas nos estarão reservadas ainda? Qual será a atitude da Itália?

Esperemos. A situação é inquietante. A questão de Mossul, o caso da China e a guerra de Marrocos são assuntos que muito preocupam os governos europeus.

Estaremos em vésperas duma nova conflagração?

Agitemos as massas, pondo-nos de sobrelhevo.

A reacção está organizada. Unámo-nos fortemente, preparando-nos para os futuros acontecimentos.

França, setembro de 1925.

Jean LEPI

Painlevé propõe o desarmamento...

NEW YORK, 9.—O presidente Coolidge aprovou a sugestão do sr. Painlevé para a reunião duma nova conferência de desarmamento.

«Quando a França mobiliza contra os durssos JERUSALEM, 9.—Os efectivos franceses devem elevar-se no fim da próxima semana a 25.000 homens, com os quais será iniciada a ofensiva contra os drusos.

O pacto de insegurança...

GENEVE, 9.—Os srs. Painlevé, Briand e Chamberlain, que foram a Aix-les-bains conferenciar com o sr. Baldwin sobre a próxima conferência dos ministros dos negócios estrangeiros, para o pacto de segurança, chegaram a completo acordo sobre o convite a enviar ao sr. Stresemann a conferência realizar-se há em Lausanne.

A assembleia da Sociedade das Nações iniciou hoje o debate sobre a obra da sociedade no ano findo.

O sr. Chamberlain expôs as razões que levaram a Inglaterra a rejeitar o «protocolo» de arbitragem.

Os deportados que se encontram

em Canhabaque e Bolama, segundo noticias recebidas, sofrem os horrores da fome, da sede e das febres palustres

Da Guiné continuamos a receber as mais aterradoras noticias sobre a situação dos presos que se encontra em Canhabaque e que o governo Vitorino Guimarães para ali deportou. As duas ultimas cartas são um formidável libelo acusatório contra as torturas que estão sendo vítimas essa dezena de homens que o furor sangüinario dos «vitorinos» impiedosamente arremessou para as plagas africanas.

Vamos transcrever alguns períodos dessas missivas, para que o proletariado avalie a situação dos deportados. Um dos presos que ficou em Bolama diz-nos o seguinte:

«Após quinze dias da partida para o mato dos nossos camaradas, regressou a Bolama Mário Gonçalves a fim de ser hospitalizado. O seu estado era simplesmente horrível. Não falava e não via. Difícilmente foi reconhecido por nós, tal o estado em que se encontrava. Depois dum mês de hospitalização o médico deu-lhe alta, mas o seu estado era melindroso. Ficou com uma paralisia na lingua, a vista estrábica, num verdadeiro horror. A muito custo, explicou-nos a tragédia que se vive em Canhabaque onde se encontram 9 dos deportados. Os barcos que para ali conduzem os mantimentos fazem muitas vezes uma ausência de 20 e mais dias o que dá em resultado os géneros acabarem, tendo então os presos que serem divididos pelos diversos postos militares, dando-lhes ali arroz cozido com ervas, como único alimento. Para adquirir água, aqueles nossos camaradas fazem incursões pelo mato para a conquistarem.

«Segundo nos garantiram, diz-nos o mesmo deportado, os presos já não têm que vestir nem que calçar, e a maior parte deles já andam descalços e de tanga como os pretos. Em virtude desta situação o comandante do posto de Bine requisitou do quartel general de Bolama roupas e calçado. Até à data, a-pesar-de já terem decorrido alguns dias, a requisição ainda não foi atendida.»

A seguir o deportado que nos escreve, e que omitimos o seu nome não vá servir para novas perseguições, fala-nos ainda dos horrores de toda aquela vida no mato, onde já pereceram três dos deportados e adoeeceram quasi todos os seus colegas. Depois, acrescenta:

«Pessoas que aqui vivem há muitos anos têm-nos afirmado que se não retirarem do mato aqueles infelizes, estes dificilmente escaparão à morte, em virtude do inverno que aqui faz, época mais perigosa para a saúde dos continentais. A propósito devo dizer-vos que as mudanças de temperatura, nesta quadra, são muito bruscas, pois tão

depressa chove torrencialmente, como logo aparece um sol abrazador.

«Quem vive em Bolama não se pode furtar às febres. E aqueles nossos camaradas que estão no mato, dormindo nas palhotas sobre a terra, não são sujeitos às febres, como ainda à biliosa e à perniciososa».

Depois de se ter referido à situação dos operários que estão no mato, o signatário da carta que nos reportamos, fala-nos da situação dos que ficaram em Bolama. Diz ele:

«A nossa situação em Bolama também é péssima. Não só não foram cumpridas as promessas de liberdade que nos fizeram, como ainda só nos forneceram umas esteras e uma manta que estendidas no chão nos servem de cama! Todos mais ou menos adoecemos com as febres».

O que aquele deportado nos conta e que o leitor acabou de ler seria só por si o suficiente para comover um homem, cujos sentimentos não tivessem embotados. Porém o dr. sr. Domingos Pereira, presidente do ministério, encauído no seu gabinete, não teve a coragem de tanto desgastado, não lê os protestos de tanto infeliz. Embora não lhe dê cuidado a tragédia que vimos assim nalando há tempos, vamos dar ao leitor mais um pedacinho dum outra carta. Esta é mais horrível. Vem propriamente de Canhabaque e que é de autoria dum dos deportados que se encontra no mato. Não só corrobora tudo quanto atrás ficou dito, como ainda nos descreve o sofrimento que os nove desterrados ali suportam. Eis-lo:

«Nós, por cá, muito mal. Estamos no mato sem socorros de qualquer espécie. Para que possamos avaliar da nossa situação basta frizar-nos que viemos para o mato 13 deportados. Após um mês deste suplício, morreram três e um—Mário Gonçalves—foi para Bolama em estado comatoso. Ficamos então 9, que fomos divididos por três postos, respectivamente: Raúl Honório, Álvaro Damas e Alfredo Pereira Vaz; José Castela, José Alves dos Santos e António Dias; Joaquim António Pereira, Pedro Guia de Oliveira e José R. de Almeida.

«A nossa situação é bastante grave. Se providências não forem tomadas morreremos todos. A título de esclarecimento informo-vos que a nossa vida para o mato foi motivada pela guerra que aqui existe entre as tropas do governo e uma raça designada «Bijagos».

Querem mais? Não será já suficiente o que deixámos transcrito? Talvez o governo é que julgue insuficiente o sofrimento dos deportados e que exija que eles morram para os fazer regressar...

FIGURAS SOCIAIS

PEDRO KROPOTKINE

A SUA VIDA E AS SUAS OBRAS

Notas biográficas

No bairro aristocrático de Moscúvia, chamado dos Velhos Cavaleiros, no ano de 1842, nasceu Pedro Kropotkine.

A família de Kropotkine teve a sua ori-



gem em um neto de Kostislav Mstislavich o «Ternário» nome illustre na história russa, e os seus antecessores tinham sido grandes príncipes de Smolensk.

Seu pai, coronel do exército russo, era proprietário de grandes extensões de terreno em três províncias e senhor absoluto de mil e duzentos servos; a quem tratava com rudeza e, às vezes com crueldade, levado pelos costumes dominantes, ainda que no fundo não era homem de maus sentimentos. De mentalidade mediana, aficcionado ao jogo e à ostentação, colérico por vezes, clemente outras, económico na vida diária da sua casa e esplendoroso nas grandes festas, era um dos tantos homens representativos do país, época e classe, firme sustentáculo das instituições.

Muito outra era a mãe. Filha mais nova do general cosacco Nicolai Semoyowich, Sullina, distinguia-se pelos seus requintados gostos artísticos, suas afições literárias e, sobre tudo, pelo seu carácter alegre, afável e bondoso, captando simpatias de todos os que a rodeavam. Os servos, vendo nela uma senhora boa, queriam-lhe com verdadeiro afecto. Aos 35 anos morreu física, contando então seu filho Pedro três anos e meio. Para este, aquela irreparável perda foi a primeira impressão dolorosa da sua vida.

Tanto ele como seu irmão Alexandre, mais edoso ano e meio, ficaram a cargo da mãe. Burman, dama alemã, e da ama de leite russa, vivendo entre a numerosa criadagem, numa atmosfera de simpatia e de amor, que de certo modo compensava a orfandade e o abandono de seu pai, a quem viam raramente, e a ausência dos seus irmãos mais velhos: Nicolau e Elena.

Após dois anos de vivê-lo, o pai de Kropotkine contrahiu segundas núpcias com a

sr. Elisabeth Karandino, filha dum almirante.

Os seus primeiros educadores foram um tutor francês, Mr. Paulin e um estudante russo chamado N. P. Smirnov. Aprenderam tão correctamente o francês, que, inconscientemente, chegou a pensar nesse idioma. Durante os domingos, aproveitando a saída do pai e da madrastra, Pedro e Alexandre assistiam com prazer às reuniões e bailes dos criados, de quem recebiam sempre provas inequívocas de afecto.

Aos oito anos deu-se o primeiro grande acontecimento da sua vida, o qual determinou o caminho que ele seguiria na sua mocidade. A família imperial visitou Moscúvia e a nobreza da cidade, por esse motivo, realizou em sua honra um baile de costumes. O pequeno Pedro assistiu vestido de príncipe persa. O imperador Nicolau acariciou-o e, apresentando-o à esposa do príncipe imperial, mais tarde imperatriz, lhe disse:

«E' esta a classe de crianças que deveis trazer-me».

A princesa tomou-o nos braços e nêles ficou adormecido.

Naquella mesma noite, o imperador nomeou-o pagem, distincção muito estimada pela nobreza, por ser o início duma alta carreira cortesã.

Sua infância decorre sem inquietações nem receios, compartilhando os seus jogos com seu irmão Alexandre, a quem ama imensamente, e que, por ter um pouco de mais idade e uma viva inteligência, exerce sobre ele uma fraternal influencia. Estima quantos o rodeiam e de todos é querido. Em constantes viagens a Nícolskoye, possessão campestre de seu pai, aprende a conhecer e a admirar as belezas da natureza; em contacto com os camponeses começa a estimá-los, descobrindo nêles tesouros de bondade, não obstante a servidão que, desde séculos, vinham sofrendo.

Em tenra idade sente as inclinações que mais tarde, ao desenvolver-se, haviam de demarcar a orientação de toda a sua vida. O primeiro impulso recebeu-o do seu mestre, o estudante Smirnov. Tinha apenas 12 anos quando começou a escrever novelas, cujos manuscritos firmava P. Kropotkine, renunciando a fazer uso do título de príncipe, imbuído já das ideias igualitárias da literatura russa e da revolução francesa.

Começou também a editar um diário caseiro anunciando os sucessos diários, que um ano depois transformou em revista mensal, dando publicidade às suas novelinhas e aos versos de seu irmão Alexandre.

Em Agosto de 1857, cerca dos 15 anos de idade, teve que deixar a casa paterna e dirigir-se a S. Petersburgo (hoje Leningrado) para entrar no corpo dos pagens e seguir um curso de estudos sob um plano militar.

Tudo havia influido na sua infância a

OS FRANCESES

sofrem grandes perdas na Siria

O jornal o *Temps* fala de um ataque ao Hauran, na Siria, onde os franceses tiveram 5 feridos. Se as informações que a imprensa burguesa de França publica todos os dias sobre as perdas no Rif, são do género desta, o povo francês tem sido bem ludibriado.

Ora, na verdade houve, no começo deste ataque, em Djebel-Eddrouge, 200 mortos franceses. Depois houve vários combates bastante violentos e as noticias mais recentes falam-nos duma batalha em que os franceses perderam 400 mortos e 600 feridos.

Os drusos tomaram 100 camelos carregados de munições, tanques e aeroplanos. Em consequência desta batalha os franceses tiveram que evacuar o sul do Hauran.

A causa desta insurreição está em que as autoridades francesas nomearam um governador para a montanha dos drusos o que denota muito pouca tactica.

A insurreição parece tomar um incremento inesperado.

A agitação é sada vez maior

Um telegrama de Jerusalém à agência Reuter diz que corre a noticia de que reina uma grande excitação em Damas, onde as tropas patrulham constantemente as ruas. As autoridades mandaram prender, dois sirios, tendo sido feitas pesquisas em casa deles.

O chefe druso Al-Atrache publicou um segundo manifesto pedindo aos Sirios que se uniam.

Uma rendição desastrosa?

O jornal O *Tempo* do dia 1 diz o seguinte sobre os acontecimentos da Siria:

«Em Bayrouth, tanto nos meios civis como nos militares, sente-se uma grande inquietação sobre a situação de Saoudeia e tanto mais que nada se sabe de preciso sobre os acontecimentos que aí se deram; embora a guarnição disponha de um posto de telegrafia sem fios que deveria permitir a comunicação com Damas.»

Esta nota parece ser uma «preparação» para o comunicado oficial anunciando a rendição de Saoudeia, rendição que teria sido efectuada em 29 de Agosto último.

455INEM Os mistérios do Povo

Os grandes empreendimentos

INAUGURA - SE HOJE o serviço de «taxis»

Instituído pela Cooperativa dos Chauffeurs

Ontem ao cair da tarde fomos surpreendidos pelo estridente buzinar vindo duma das ruas circunvizinhas.

Alguns minutos de ansiedade, e eis que se nos depára, em luzido cortejo, os 11 «taxis» da Cooperativa dos Chauffeurs.

Uma paragem dos autos e os membros da direcção daquela colectividade galgaram a escadaria do prédio onde nos encontramos instalados e vieram apresentar-nos, em nome dos chauffeurs cooperativistas, os seus cumprimentos. Disseram-nos os nossos visitantes que o serviço dos «taxis» é hoje inaugurado ao publico às 13 horas. Contam que a sua iniciativa será bem recebida pelo publico que encontrará nos «taxis» um serviço modico e regular.

Qualquer reclamação deve ser dirigida à sede da Cooperativa que de pronto a atenderá.

—A Cooperativa de Automoveis munidos de taxímetros modernos, com grande numero destes veiculos dirigiu-se ao Largo do Pelourinho.

A direcção foi apresentar os seus cumprimentos à Câmara e declarar-lhe que ia fazer as suas carreiras conforme a tabela de preços votada pela Câmara, prestando assim um grande serviço aos munícipes, dos quais esperava o seu melhor acolhimento. Foram recebidos pelos vereadores Alexandre Ferreira e Raúl Caldeira que a felicitou pela iniciativa.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

O exército inglês em manobras

é cercado de policia para evitar os efeitos da propaganda comunista

LONDRES, 9.—Nos últimos dias notouse um recrudescimento da propaganda comunista em toda a Inglaterra, em virtude das manobras que se estão realizando entre Andover e Winchester, nas quais tomam parte 30.000 homens.

O governo ordenou à policia secreta que estabeleça um cordão em torno da região onde se realizam os exercicios, a fim de evitar as tentativas dos agitadores, os quais, serão detidos.

O JULGAMENTO DOS IMPLICADOS no movimento do 18 de Abril prosseguiu ontem, depondo algumas testemunhas de acusação que consideram os arguidos os salvadores do país

Gom o cenário dos dias anteriores prosseguiu ontem o julgamento dos autores da intenção do 18 de Abril. Realizou-se a sexta audiência e a ela não faltou o aparato habitual. O interesse que o julgamento despertou nos primeiros dias vai diminuindo, à medida que o público vai verificando a fantochada que tudo aquilo representa.

Depois de proceder-se à chamada dos reus e das testemunhas, verificou-se que faltou o reu António Augusto Facha.

O promotor de justiça requere que, logo que se apresente o reu Facha, fique sob rigorosa vigilância, solicitando também que seja lido a todas as testemunhas presentes o libelo acusatório, a fim de não ter de repetir a todas elas de por si, o que ocasionará uma grande perda de tempo. Deferidos os seus requerimentos, foi feita pelo tenente Freitas, secretário do tribunal, a aludida leitura.

A primeira testemunha a depôr é o major do corpo de Estado Maior, Alvaro Pereira de Passos, que fica na sala. As outras saem.

A leitura do libelo é feita rapidamente, finda a qual o sr. João Tamagnini pede a palavra para dizer que recebeu duas cartas, uma do major Rocha e a outra do capitão Balthazar que esclarecem as dúvidas suscitadas no tribunal pelas declarações de alguns acusados. Por considerar conveniente a sua leitura, o sr. João Tamagnini passa a ler as referidas cartas.

A do major Rocha tem por fim explicar a atitude deste oficial no movimento de 18 de Abril, afirmando que não tivera conhecimento a tempo da eclosão do movimento. Confessa ter muita honra, em ter auxiliado, conforme pôde, este movimento, lamentando não ter sido uma unidade, sob o seu comando, para auxiliar os seus camaradas. Expondo-lhe os fatos da Rotunda a oferecer-se ao chefe do movimento revolucionário. A carta do capitão Balthazar elucida o que se passou com os oficiais e a reunião a que aludiu nas suas declarações o capitão Zilhão. Afirma que a seu tempo se esclarecerão todas as dúvidas e envia um documento, pelo qual se vê que o capitão Balthazar se apresentou no Quartel do Carmo, confessando-se solidário com os revoltosos.

Entra agora na sala o general Vieira da Rocha, ministro da guerra. O tribunal resolve ouvi-lo, motivo por que o major Passos recolhe à sala das testemunhas.

O promotor:

— Eu peço a v. ex.ª que me dissesse o que sabe sobre o movimento.

O sr. Vieira da Rocha:

— O movimento, que teve a sua eclosão em 18 de Abril, devia ter tido o seu início uns dois meses antes, pois nessa data apareceram cortadas as comunicações telegráficas. Também a P. S. E. informou disso. Na manhã de 18 de Abril telefonou para quase todas as unidades, a fim de saber quais estavam no movimento. Quasi todas me responderam que estavam ao lado do governo, e foi assim que se conseguiu dominar o movimento, como é do conhecimento público.

O general Carmona volta a ler a acusação e pergunta à testemunha se tem conhecimento de factos concretos acerca da chefia do movimento de 18 de Abril.

Resposta do general Vieira da Rocha:

— Sei que esse movimento era chefiado pelo sr. Filomeno da Câmara.

— Como soube isso?

— Pelas declarações feitas pelo próprio no tribunal.

— E quanto aos srs. Raúl Esteves e capitão Baptista?

— Sei que estiveram na Rotunda — também pelas suas declarações aqui prestadas, e não porque eu os visse lá. O papel dos ministros não era marchar para a Rotunda. Era ficar no Quartel do Carmo a comandar a resistência a fazer aos revoltosos.

Diz conhecer os reus, e referindo-se ao capitão Baptista afirma que «esse oficial peca, talvez, por excesso de exaltação republicana».

O sr. Tamagnini Barbosa:

— Sabia v. ex.ª que o sr. Sinel de Cordes era o chefe do movimento?

— Não senhor.

— Pois bem. Vou ler o depoimento do sr. presidente do ministério, que diz já há muito saber que o sr. Sinel de Cordes era o chefe do movimento. Lê e comenta:

— Vê v. ex.ª? O chefe do seu governo

preparou-lo para a carreira militar: a vontade do seu pai, a educação do tutor francês, antigo soldado de Napoleão, e a leitura dos livros da biblioteca, composta quasi exclusivamente de livros de guerra. Aceitou, portanto, como um facto natural, o futuro que se lhe apresentava ao ingressar no colégio do corpo de pagens, onde teve que passar cinco anos de estudos e de práticas militares. Não obstante, foi dentro daquele meio e um ano depois de estar ali, que pela influência da leitura clandestina de livros proibidos pela censura reaccionária, senti apagar-se-lhes as impressões da infância, tão rapidamente quanto é certo que já havia deixado vestígios a influência do seu primeiro professor russo.

(Continua) Adrien del VALLE

A guerra de Marrocos

Abd-el-Krim proclama o levantamento em massa

FEZ, 9.—Nota-se uma grande tranquilidade em todo o front.

Não se efectuou nenhuma acção militar importante, mas reina uma grande actividade em todos os sectores para a colocação das tropas de reforço que devem tomar logo no quadro de organização previsto pelo marechal Pétain e general Naulin.

As informações oficiais, chegadas estes últimos dias, dizem que Abd-el-Krim está na firme decisão de se opor à próxima ofensiva francesa. Prevê-se mesmo que este esteja disposto a atacar. As tentativas feitas no dia 4 sobre o posto de Isoual, na ala esquerda, e sobre o Djebel-el-Nekir, no centro direito, parecem ser reconhecimentos ofensivos destinados a tatear o

escondio do ministro da guerra factos desta gravidade.

E a seguir pergunta:

— O excesso de republicanismo que v. ex.ª atribue ao sr. capitão Baptista poderia levá-lo a um movimento contra a República?

— Não posso responder.

O sr. Cunha Leal:

— Esteve v. ex.ª em 1923 no ministério da Guerra na célebre conferência requerida pelo sr. António Maria da Silva?

— Esteve. Mas essa reunião não passou dos gabinetes do ministério da Guerra.

— Se v. ex.ª fôsse ministro da Guerra, pergunta o sr. Cunha Leal, e lhe fôsse suscitado pelo chefe de Estado que sondasse o Exército, necessitava, para lhe dar uma resposta, convocar qualquer reunião de oficiais?

O sr. Vieira da Rocha diz que procederá conforme a ocasião o aconselhasse.

Como dos autos consta a indicação do nome do dr. sr. Joaquim Ribeiro para comissário do governo junto das tropas revoltosas, a defesa requere que este deputado seja ouvido no tribunal.

Volta de novo à sala o major Passos, que começa por declarar que no processo figura como testemunha de defesa e não de acusação.

O promotor elucida:

— Não há testemunhas de acusação ou de defesa. Há testemunhas. Costuma dar-se o nome de acusação às apresentadas pelo promotor e de defesa às indicadas pelos arguidos.

O major Passos relata então a forma como soube do movimento, descrevendo a sua acção como sub-chefe do Estado Maior da 1.ª Divisão e a sua prisão na Rotunda pelo capitão Baptista, comandante do grupo de metralhadoras, na madrugada do movimento.

Foi depois instado pelo sr. Tamagnini Barbosa sobre a disparidade de tratamento havido para com a testemunha na Rotunda e o sucedido ao sr. Sinel de Cordes no Carmo. Também o sr. Cunha Leal pretende que a testemunha lhe diga como é que foi possível o ter-se preso o chefe de Estado Maior da Divisão e terem-se apreendido viaturas no alto da Ajuda, e tanto o chefe de Estado Maior como as viaturas aparecerem em liberdade sem que se conseguia saber quem os libertou.

O capitão Costa Mira, da G. N. R., refere-se apenas à ida do general Sinel de Cordes ao quartel de Carmo. Recebeu ordem do ministro da Guerra para acompanhar aquele oficial à residência particular do general Vieira da Rocha. Cumprida essa ordem, na sala onde o sr. Sinel de Cordes foi introduzido, já se encontravam alguns membros do governo, além do Presidente da República.

O tenente Castelo Branco, da G. N. R., conta o encontro que houve entre os seus esquadro e a guarda avançada do grupo de artilharia a cavalo. Nessa altura, o tenente Botelho Moniz procurou levar o esquadro a aderir ao movimento, o que não conseguiu, não tendo sido feitas prisioneiras as forças da guarda porque os revoltosos não quiseram, visto que as suas forças eram em muito maior número e tinham aquelas completamente cercadas.

O promotor:

— Parece que havia uma certa confraternização entre as tropas revoltosas e as que estavam aquarteladas no quartel de Campolide...

A testemunha...

— As pessoas que entraram no quartel, não entraram em som de guerra, entraram como camaradas.

Requerida uma acareação entre a testemunha e os tenentes Botelho Moniz e Mário Costa, o segundo refere o que se passou quando as tropas da guarda se encontraram com o grupo de artilharia a cavalo. Houve realmente, da parte das forças revoltosas uma voz de fogo.

Acerca do facto de um esquadro da guarda ter arvorado uma bandeira branca, o sr. tenente Mário Costa não pode precisar se foi o esquadro do tenente Castelo Branco, mas no entanto sabe que foi esse que às duas horas da tarde passou pela rua São Filipe Nery.

Ora foi precisamente a essa hora e nessa rua que passou um esquadro da guarda com a bandeira branca arvorada.

O sr. tenente Castelo Branco confirma que passou por ali a essa hora mas sem arvorar bandeira branca.

A sétima audiência realiza-se amanhã.

front francês e obterem informações sobre os projectos de ataque.

Por outro lado, várias informações assinalam que os contingentes dissidentes foram reforçados por numerosas tropas regulares rifeñas.

Foi assinalada a presença de Abd-el-Krim perto de Chechaouen, donde parece contar dirigir as operações sobre Ouezane.

O centro e a ala direita dos rifeños parece, pelo contrário, continuar na defensiva, enquanto as unidades regulares rifeñas estão chegando para reforçar as tribus excitadas ou fracas.

Para o desenvolvimento destas operações Abd-el-Krim proclamou o levantamento em massa de toda a população.

Um caro desembarque

TANGER, 9.—Segundo um comunicado de Abd-el-Krim, durante o desembarque de tropas espanholas no baía de Alhucemas foram metidos no fundo 14 barcos.

ACREDITA:

A frequência geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGIZANTE ESSENCIAL

Usado por milhares de pessoas em todos os países. Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras.

LABORATÓRIOS DO FARMACIO SORMOSTIMO

Preço dos Restaurantes, 13 LISBOA

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGIZANTE ESSENCIAL

Usado por milhares de pessoas em todos os países. Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras.

LABORATÓRIOS DO FARMACIO SORMOSTIMO

Preço dos Restaurantes, 13 LISBOA

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGIZANTE ESSENCIAL

Usado por milhares de pessoas em todos os países. Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras.

LABORATÓRIOS DO FARMACIO SORMOSTIMO

CARTA DE COIMBRA

Os interesses dos trabalhadores espesinhados pelos serventúrios do Estado

COIMBRA, 7. — Que a República seria do povo para o povo, enfim, uma democracia onde imperasse a Liberdade, Igualdade e Fraternidade... diziam os republicanos, para conseguir o esforço do proletariado, para a sua revolução, antes do 5 de Outubro. No entanto, a quinze anos quasi decorridos desse regime implantado, à custa do esforço do povo sedente de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, povo que assistia sob as prepotências da Monarquia, constatamos que afinal os mesmos republicanos de então, e outros feitos à pressa por causa da gamela, se refastelam à vontade com «adiantamentos» superiores, estando-se cobido da Liberdade, Igualdade e Fraternidade... que, de verdade, nunca existiu...

E para tal provarmos, vamos referir-nos a dois casos: um que diz respeito à maneira como o delegado do governo da Figueira da Foz se porta, insultando e maldizendo os que lhe são adversos no campo de ideias e interesses, e ao seu desprezo das leis do país, às quais se faz superior — e, outro, referente à apreensão duns barcos de pesca e multas a um arraial em Bucarcos, tudo em menosprezo dos trabalhadores a quem espesinhavam infamemente.

Os operários manipuladores de pão da Figueira da Foz, na conquista das regalias que lhe pertencem, foram, na nossa companhia, junto do delegado do governo dr. sr. Gomes Tomé, a quem expuzeram a necessidade do cumprimento da lei do descanso semanal. Sua ex.ª, que a princípio se mostrava irresoluto a fugir ao cumprimento da lei — contra a sua posição de funcionário do Estado — pretendia, valendo-se do desmunição de lei não percebiam, confundir as leis do descanso semanal, horário de trabalho, etc., procurando fazer partilhado seu — defendendo os interesses do industrialato com quem lhe convinha estar bem devido à sua profissão.

Porem, a nossa presença incomoda-o. Pois em frente da sua atitude, pedimos licença, dissemos que éramos da Confederação Geral do Trabalho e expuzemos o que julgamos necessário — destruindo o que ele pretendia emburhar defendendo assim a classe dos manipuladores de pão que o dr. sr. Gomes Tomé pretendia ver reduzidos a quietude passiva de escravos. E retirámos, todos, com a promessa de que breve a referida lei iria cumprir-se.

Mas foi engano; mais, ludíbrio completo, acrescido do que vamos relatar.

A lei não foi cumprida e, perto de 20 manipuladores de pão, em face disso, procuraram, passado algum tempo, o mesmo delegado do governo.

Porem, este senhor negou-se a receber a comissão, tendo esta protestado, não se dispondo a sair enquanto se não dessemphasse do seu mandato.

Em face desta atitude, o illustre honzo e dono da Figueira reconsiderou: a comissão foi recebida no corredor e, entre outras coisas, disse-lhe «que se tinham metido com o tal Adolfo de Freitas, delegado do Comité de P. Confederal, que haviam de ganhar muito com isso!»

Eis a forma como um funcionário, que tem a obrigação de fazer cumprir a lei, atende uma comissão que, com toda a razão, reclama a sua observância.

A ameaça do sr. Tomé não o prestigia como representante da autoridade, nem como homem, pela incorrecção que revelou.

Os marítimos de Bucarcos, vítimas do tacho espírito das autoridades que nas coisas do mar superintendem, estão sendo fortemente perseguidos. Por trazerem peixe para se alimentarem e vender os outros são autoalhos e imediatamente julgados em conselho secreto de funcionários, sendo obrigados a pagar o que lhes dá na real gana e caso contrário são-lhes apreendidos os barcos!

Isto parece impossível, mas é assim mesmo.

Quando não encontram pescado procuram outros barcos que o levem para o comprarem e depois virem vendê-lo a terra a fim de ganharem uns centavos para não morrerem de fome.

Pois tal não é permitido e os marítimos que forem apanhados em tal «convenção» são inexoravelmente multados sendo também despossuados dos barcos durante três meses!

Isto não se percebe, ou por outra: quem apenas o percebe é o capitão do porto da Figueira que continua na sua feroz sanha autoativa e de perseguição, especialmente àqueles marítimos que sabe terem mais consciência.

Adolfo de FREITAS

TEATRO APOLO Empresa Luis Ruas, Limit.ª

HOJE, 10 [Tel. N. 4129]

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

OS QUE MORREM

Bonifácio Paulo Ruivo

Faleceu ontem Bonifácio Paulo Ruivo, que era cobrador do Grémio Excursionista Civil do Monte.

Este grupo convivia os seus associados a incorporarem-se no funeral que se realiza hoje, pelas 15 horas, da calçada do Tijolo, 11, 3.ª, para o cemitério Oriental.

Ana de Carvalho

Faleceu, ontem, esta senhora: devendo o seu funeral realizar-se hoje pelas 14,30 horas, da Vila Real, p. 20 (a Graça) para o cemitério Oriental.

Rendimentos dos operários

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu depois para casa, António Barbosa, de 19 anos, natural e residente em Cezimbra, marítimo, que caiu a bordo de uma fragata fundeada na miralha de Alcantara, ficando ferido na cabeça.

UMA RELES VINGANÇA dos tartufos das "Poderosas" para utilizarem a campanha de A BATALHA

A campanha de A Batalha já está produzindo os seus naturais efeitos, com o que muito nos regosijamos; tanto mais que os magnates *beras* que pontificam nas *poderosas* dão o flanco com uma facilidade inícrivel.

O espírito de revolta começa a notar-se entre os trabalhadores e é isso que é preciso. As grandes revoltas é que tem conquistado o pouco de liberdade que hoje se disfruta.

Sempre supuzemos que a pesar da proverbial e nunca desmentida tacañez do importante que exerce as funções de administrador da Companhia das Lezírias, ele teria a diplomacia ou a manha precisa, para não se colocar num plano simpático — aos seus miseráveis servos, para que assim pudesse, em parte, destruir os efeitos da nossa campanha, sempre justa, sempre honesta, sempre benévola, sempre verídica. Mas não. O homem revelou-se tal qual é. Não foi capaz de ter mão em si e conservar-se moralmente superior à mesquinhez de taberna ou de soalheiro, vingando-se de quem não pode defender-se.

Mal o conhecemos. Nunca fomos apresentados; nem mantivemos quaisquer relações. Sendo nós muito pobre e necessitado de tudo, nunca lhe mendigámos os favores, ainda que ele fôsse uma criatura capaz de no-lo oferecer.

Temos pena de não manter-mos com ele as simples relações de cortesia que ligam dois homens educados que se conhecem; porque, se assim fôsse, poderíamos dizer-lhe, com a nossa habitual franqueza, de cara a cara:

— Você é tolo; você é estúpido como a final, muita gente supõe. Você é asno.

Mas, como se disse, não temos relações, nem podemos dar conselhos. Trivamos de dizer-lhe que o caminho da vingança pessoal é um caminho perigoso para ele, que não para nós; porque julgando ele que nos cria inimizados, está apenas a dar mais força à nossa campanha a comprovar mais e mais a sua justiça, e a criar inimigos para si próprio, que era exactamente o que ele devia evitar.

O tiranite da Companhia que é tão arrogante perante os mateiros, corticeiros e veladores, não submisso se mostra perante as tremendas *desandras* que os chefes às vezes lhe aplicam. Mas o sr. Carlos Vinagre, que como cidadão, deve ser um homem de bem, como rociro-mór da Companhia é duma intolerância atroz... para quem é; porque nós conhecemos muito de perto subordinados seus que para lhe falarem nem se perfiavam nem faziam descer o barrete até ao ombro esquerdo. Se o sr. Vinagre ainda não reparou nisso é porque não costuma fitar aqueles com quem fala; parece que nunca tem a consciência do seu valimento ou da sua razão. Esses seus subordinados, sabendo-lhe nós muito bem, em qualquer parte onde se encontrem, falam-lhe de barrete enterrado na cabeça e de vara-pau fincado na cova do brago.

A esses tate-os o sr. Vinagre com todas as blandícias, por causa das dúvidas; porque o sr. Vinagre nem sempre sabe o terreno que pisa. O sr. Vinagre é arrogante para com os que o temem; mas muito meliflo para com aqueles de quem tem medo.

E quira o sr. Vinagre dizer a verdade: — se o Manuel Serrador fôsse um tipo às direitas, um como alguns que o sr. Vinagre tem sob as suas ordens, dávamos um doce ao sr. Vinagre, se fôsse capaz de por uma vingança mesquinha, torpe, vergonhosa, o cortar em 4303 diários, somente

Logo de manhã

um civico começa por agredir velhos e ameaçar quem nenhum mal fazia

O guarda civico n.º 1487, da esquadra do Alto do Pina, entrou ontem de serviço às 9 horas, embriagado a tal ponto, que se deu a intrometer-se com quem nenhum mal fazia.

Ao empregado da Câmara Municipal, Márcio Osório, que é um velho de 75 anos, e que andava trabalhando, deu-lhe um empurrão que o fez rolar por terra.

A seguir foi ameaçar uns rapazes, que estavam de frente da Vila Santos, de os correr à espedreira se não se fôsem emborá.

Satisfeita esta sua alcoólica vontade dirigiu-se ao portão da referida vila, onde estavam, além de três mulheres, Artur de Oliveira Nunes, de 70 anos, intimidando-as a ir para dentro da vila. Como o Nunes lhe respondesse que estavam dentro do que era seu agrediu-o à bofetada.

Isto logo de manhã. Se esse selvagem continuou a beber agardente durante o dia (pois foi a agardente do «mata-bicho» que o poz naquela afinação), é capaz de ter morto a tiro e à cutilada meia dúzia de despreocupados transeúntes.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cautich». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)

Do pão do nosso compadre...

Continua por enquanto em Macau o cruzador «República». Para pagamento das despesas com este navio e com a ida do transporte de guerra «Gil Eanes» que conduziu forças do exército para aquela colónia e algumas praças para Timor, vai ser aberto no ministério das Finanças um crédito de 2500 contos, credito este que será pago pela colónia de Macau e uma pequena parte pela de Timor.

EDEN TEATRO TELEF. N. 3800

HOJE: definitiva e inadiavelmente

INAUGURAÇÃO DOS ESPECTACULOS

EM SESSÕES

Primeiras representações da revista de género popular

FREI TOMAZ OU O MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO

Original de Eduardo Vermeir (Escalpo) e Carlos Ferreira, música de Nuno Coelho e Raul Serra

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos cartazes e programas

suicídio

Na Morgue deu entrada ontem à tarde, o cadáver do guarda da polícia de segurança pública de Lisboa, n.º 781 que, na residência, rua Prior Continho, se suicidou.

suicídio

Na Morgue deu entrada ontem à tarde, o cadáver do guarda da polícia de segurança pública de Lisboa, n.º 781 que, na residência, rua Prior Continho, se suicidou.

suicídio

Na Morgue deu entrada ontem à tarde, o cadáver do guarda da polícia de segurança pública de Lisboa, n.º 781 que, na residência, rua Prior Continho, se suicidou.

suicídio

Na Morgue deu entrada ontem à tarde, o cadáver do guarda da polícia de segurança pública de Lisboa, n.º 781 que, na residência, rua Prior Continho, se suicidou.

O trabalho nas prisões

A Federação Mobiliária vem tratando desta importante assunto

De algum tempo a esta parte que a Federação Mobiliária se vem preocupando com o problema do trabalho nas prisões, na parte que se refere à indústria que representa.

Vários motivos a têm impedido de dar a este momento o assunto a atenção que ele requeria; porém, arredados esses motivos, tem agora este organismo dedicado o melhor do seu esforço no sentido de algo conseguir para beneficiar as más condições financeiras dos reclusos, acabando com a cruel e desumana exploração exercida pelos arremanetes. A par-deste desideratum — um outro mais importante se depara que é a concorrência feita pelo trabalho dos presos a qual tem originado crises de trabalho algumas especialidades desta indústria, visto que o trabalho manufacturado nas prisões são por menos de metade do preço do trabalho feito cá fora!

Para conseguir os seus objectivos já a Federação Mobiliária se avistou com o ministro da Justiça, a quem entregou uma representação sobre o assunto e com a qual o mesmo ministro concordou mandando a para a Inspecção das Prisões, para informar.

Outros trabalhos neste sentido tem esta Federação entre outros, tendo já pedido informes para várias localidades.

A fim de lhe facilitarem este trabalho, este organismo pede a todos os sindicatos e camaradas que algo conheçam sobre o assunto para que lhe enviem informes com a possível brevidade, pois que há conveniência em não descurar o assunto.

Toda a correspondência pode ser enviada para a Federação Mobiliária, travessa da Agua de Flôr, 16-1.ª — Lisboa.

A mão de obra indigena e a história dos contratos

O sr. Marinha de Campos, continua em Moçambique a tratar do fornecimento da mão de obra para a provincia de São Tomé, pois esta colónia se não lhe acodem com a necessária mão de obra a sua agricultura tende a desaparecer, o que será um enorme prejuizo não só para os agricultores como para o próprio Estado.

O sr. Marinha de Campos, tem esperanças de obter uns milhares de braços no norte da provincia de Moçambique, mediante contratos vantajosos para os indigenas, obrigando-se nesses contratos a serem repatriados os indigenas logo que terminem o tempo por que se ajustaram.

O ministro das Colónias não tem descurado este importante assunto.

A brandura dos costumes policiaes...

A BATALHA

A BATALHA inicia hoje uma série de biografias das figuras mais fulgurantes do movimento libertário.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A mensagem do Congresso Unitário ao Congresso Reformista em França

A C. G. T. Unitária numa fúria de fúria com a velha e reformista C. G. T., de cujos dirigentes já disse as piores coisas, empregou ultimamente os maiores esforços, para que todos se reunissem num Congresso inter-confederal.

Mas, a pesar da habilidade da linguagem, todos esses esforços foram em vão, pois que os manhosos políticos, compreendem muito bem o que se esconde por trás dos desejos de «unidade» manifestados pelos comunistas.

Para se ver a falta de lógica dos orientadores da C. G. T. Unitária, e a maneira quasi servil com que se dirigem aos traidores da velha C. G. T., vamos transcrever algumas passagens da mensagem que dirigiu ao congresso dos sindicatos confederados.

«O Congresso dos Sindicatos Unitários julga que é superfluo invocar divergências ideológicas existentes entre as duas C. G. T. para justificar o estado de escisão. Antes de 1914, havia lutas de tendência muito vivas no seio da C. G. T., sem que estas lutas pusessem a unidade em perigo. E' preciso ter em conta, que quem emprega esta linguagem são os mesmos que deslizeram essa tal unidade existente antes de 1914, criando a C. G. T. U.)

«O Congresso dos Sindicatos Unitários toma à sua conta as propostas da unidade dirigidas à Comissão Administrativa da C. G. T. U., propostas nos termos das quais a C. G. T. U. podia muito particularmente a reunião duma comissão mista dos delegados das duas organizações centrais a fim de se estudar as condições práticas da realização da unidade. Pede ao Congresso dos Sindicatos Confederados que aceite a reunião em comum dos delegados dos dois congressos para discutirem a unidade, e pronunciarem-se a favor do Congresso Inter-confederal, e declara que os delegados responsáveis da C. G. T. podem tomar o seu lugar, lugar que lhes está reservado no Comité da organização e da direcção do Congresso Inter-confederal de 30 a 31 de Agosto.

O Congresso dos Sindicatos Unitários declara que um tal Congresso Inter-confederal tem o poder de realizar a unidade no mais breve prazo, e dar à classe operária a arma indispensável na sua luta contra a burguesia.

E agora que perante esta necessidade imperiosa, todas as questões de primazia e de amor-próprio se dissiparão, e que o Congresso da C. G. T. aceitará realizar a unidade sindical total, sem condições, no interesse superior da classe operária.

Dir-se há que é o desejo sincero de fazer a unidade sindical que dita este empenho da C. G. T. U., de se pôr em relações com os representantes políticos da velha C. G. T. mas nesse caso não se compreendem os ataques covardes e traiçoeiros feitos aos militantes sindicalistas revolucionários, porque estes por muito baixos que possam estar, estão sempre a uma altura incomensurável acima dos reformistas aliados dos governos capitalistas.

Terminou provisoriamente o conflito da indústria textil inglesa

Terminou na Inglaterra o conflito na indústria textil, que tinha sido determinado pela pretensão do patronato de reduzir os salários de 5 %, com o pretexto de que não podiam concorrer com a industria do Oriente.

Os *leaders* operários, em vez de apresentarem contra esta pretensão reivindicações energicas, propuzeram que se constituísse uma comissão de inquérito, mas o patronato repeliu tal proposta, e constatando que os operários não estavam dispostos a aceitar as suas exigências declararam o *lock-out* em toda a industria.

Durante muitas semanas, 200.000 trabalhadores estiveram sem trabalho, enquanto os *leaders* procuravam chegar a um acordo com os industriais. Finalmente conseguiram um acordo provisório, declarando os patrões manter os anteriores salários e condições de trabalho, até que se faça um novo contracto baseado nas decisões duma comissão de inquérito.

Esta comissão é composta de cinco membros, sendo dois operários, dois patrões e o presidente nomeado pelo ministro do trabalho.

O acordo concluído tem um caracter provisório, tal como o da industria mineira, adiando a luta para um periodo que não durará desta vez 42 anos, com o ultimo contracto.

O conselho geral das «Trade-Unions» interveio energicamente neste conflito, e foi a sua attitud, assim como o movimento dos mineiros, que acabava de pôr em cheque os industriais, que concorreram para que os patrões da industria textil recusassem um pouco, e acetassem a arbitragem.

O movimento dos marítimos ingleses

Há algumas semanas a União Nacional dos Marítimos e Fogueiros, dirigida por Havelock Wilson aceitou uma redução de uma libra por mês nos salários, redução que affectava igualmente officiaes e marítimos.

As companhias marítimas e os chefes sindicais entendiam que não se tratava duma redução, mas da supressão dum aumento concedido no principio do ano passado.

Alguns marítimos, porém, não aceitaram esta doutrina e propuzeram que se apresentasse imediatamente aos armadores as seguintes reivindicações: um aumento de 10 para 100 em todas as categorias; jornada de oito horas no convés e seis horas no interior dos navios, jornada de 44 horas nos portos e horas suplementares pagas uma vez e meia mais do que a tarifa ordinaria. Quasi por toda a parte se declararam greves; em New Castle, Hull, Blith, Londres, Graveand, etc. Um comité de greve, sem ser reconhecido pela União, dirigiu o conflito.

A greve estendeu-se à Austrália, onde milhares de marítimos abandonaram os navios.

Havelock Wilson telegrafou, dizendo que a greve era ilegal, e o gabinete trabalhista austriano tomou já medidas de expulsão contra todos os «factores de perturbações» com esperança de intimidar os grevistas.

Estatutos da Confederação Geral do Trabalho (para serem discutidos no próximo Congresso Confederal)

Art. 20.º—A comissão administrativa é solidariamente responsável, em todos os seus actos, pelos valores pertencentes à Confederação.

CAPITULO VIII

Do «label» e caderneta confederal

Art. 21.º Todas as organizações confederadas usarão nos seus documentos, impressos ou manuscritos, o distintivo da Confederação: *Label*, sem o uso do qual não serão reconhecidas para os efeitos de solidariedade mútua por parte das restantes organizações, em casos de greve, etc.

§ único. Só poderão usar o *label* confederal os organismos que satisfaçam o disposto no artigo 3.º e os §§ do artigo 2.º

Art. 22.º Cada sindicado possuirá uma caderneta confederal, na qual será colado um selo correspondente à cota do sindicato, federado e confederado, referente a cada semana ou mês.

Art. 23.º Nenhum operário sindicado e confederado terá direito a qualquer auxilio, desde que não possua a caderneta confederal.

§ único. A Confederação fornecerá, por intermédio das Federações de Industria ou Unions Locais, todos os selos e labels que cada Sindicato necessite para os seus sindicados.

CAPITULO IX

Do Jornal

Art. 24.º O órgão official da Confederação na imprensa, o jornal *A Batalha*, de publicação diária.

Art. 25.º A orientação de *A Batalha*, é inspirada na luta de classes sociais, fundamen-

mentando a sua doutrina nos objectivos da Confederação, consignados no capítulo 1.º destes estatutos.

Art. 26.º Em *A Batalha* poderão colaborar todos os individuos livremente, desde que seja respeitad a sua orientação básica, nunca se rejeitando, contudo, a colaboração com caracter progressivo e emancipador.

Art. 27.º Para que tenha uma feição moderna, deve *A Batalha* aceitar colaboração sobre sciencia, arte, sociologia, hygiene, literatura, historia, pedagogia racionalista e tudo o mais que contribua para o estudo e educação intelectual da classe operária, sempre que o espaço não lhe seja necessário para tratar as questões de momento: greves, vida sindical, etc., que interesse imediatamente à classe operária.

Art. 28.º As comissões de redacção e administração são autónomas, mais responsáveis, perante o Conselho Confederal, pela vida do jornal, devendo, sempre que sejam convidados, prestar esclarecimentos ou apresentar qualquer proposta para estudo ao referido conselho, os administradores e directores.

Art. 29.º Para estabilizar e desenvolver a vida do jornal, deve existir sempre a mais perfeita e cordel communhão de vistas entre as comissões de redacção e administração e o quadro tipográfico, devendo o regime de trabalho deste ser, de preferença, a jornal ou *comandita*.

§ 1.º Sempre que a administração ou a redacção hajam de tomar quaisquer deliberações respeitantes à vida do jornal, não poderão fazer senão de comum acordo com o Comité Confederal.

§ 2.º Os cargos de administrador e director serão desempenhados por delegados do Conselho Confederal.

CAPITULO X

Dos congressos

Art. 30.º A Confederação realizará os seus congressos ordinários de dois em dois anos, e extraordinários sempre que o Conselho Confederal a essa convocação seja forçado por questões graves e importantes, tanto nacionais como internacionais e que o mesmo não tenha competência para resolver.

Art. 31.º Cada organização far-se-há representar por um ou três delegados directos.

§ 1.º Só será aceite a acumulação de mandatos para os sindicatos de fora do continente, devendo as delegações indirectas ser preenchidas por assalariados e sindicados da mesma industria.

§ 2.º Não serão aceites delegados que exerçam funções politicas de qualquer espécie e bem assim cargos de confiança do governo, embora não politicos.

Art. 32.º As reuniões dos Congressos realizar-se-hão nos dias que forem escolhidos pelo Conselho Confederal e em localidades diferentes, devendo ser a data fixada com três meses de antecedência para os congressos ordinários.

Art. 33.º Logo que os congressos sejam convocados, cada organismo aderente poderá enviar à Confederação qualquer questão por escrito que entenda dever tratar-se, afim de ser incluída na *Ordem dos Trabalhos*, a qual, assim como as questões a resolver ou teses a discutir, deverão ser distribuídas com a máxima antecedência aos organismos aderentes para os respectivos delegados as estudarem.

Art. 34.º As cotas para as despesas dos congressos serão fixadas pelo Conselho Confederal.

Art. 35.º Em cada congresso será designado o local do immediato.

CAPITULO XI

Dos fundos

Art. 36.º Para permitir à Confederação assegurar os seus diversos serviços, os organismos aderentes contribuem com a

cota semanal de 15 centavos ou mensal de 65 centavos por cada confederado.

Art. 37.º Os Sindicatos que adiram à Confederação pagam uma cota de adesão de 500 e por uma só vez.

Art. 38.º A tesouraria da Confederação é uma só. Porém, a Comissão de Assistência Juridica e Solidariedade, terá fundos à parte, provenientes da cotização que especialmente lhe é destinada.

Art. 39.º A cotização paga pelos sindicatos à Confederação destina-se: 40 % para a Comissão de Assistência Juridica e Solidariedade, 25 % para propaganda, 20 % para *A Batalha*, 15 % para expediente.

CAPITULO XII

Disposições gerais

Art. 40.º Todo o organismo aderente que se recuse a prestar o seu concurso à execução de quaisquer trabalhos que a Confederação promova em beneficio do proletariado ou que esteja em atraso de mais de três meses de cotização, será suspenso se deixar sem resposta o convite para explicações ou o aviso para pagamento que lhe forem dirigidos.

Art. 41.º Sempre que alguma agremiação aderente tome quaisquer deliberações que contendam com os interesses gerais operários, será obrigada a dar conhecimento à Confederação, antes de entrar na prática dessas deliberações.

Art. 42.º Fora do organismo social, nenhum membro da Confederação a poderá representar ou invocar a sua qualidade, sem que para tal tenha prévios poderes.

Art. 43.º Uma vez que qualquer membro do Conselho Confederal esteja nas condições do exposto no § 2.º do art. 31.º não poderá fazer parte do mesmo Conselho.

Art. 44.º Os presentes estatutos só poderão ser alterados por outros congressos.

Art. 45.º No caso de dissolução da Confederação Geral do Trabalho, os seus haveres líquidos serão distribuídos proporcionalmente pelos organismos seus aderentes nessa data.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar os assuntos constantes da reunião de ontem.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Operários Alfaiates—Reuniu anteriormente a assembleia geral deste sindicato, para deliberar sobre a ordem de trabalhos anteriormente publicada.

Depois de a direcção ter apresentado o resultado das «démarches» havidas entre este sindicato e a C. G. T. sobre a realização de uma conferencia nacional do operariado de alfaiataria para a criação da Federação da Industria do Vestuário, trabalhos estes que foram aprovados por unanimidade, foram nomeados como aggregados à direcção, para o desempenho dos mesmos, os camaradas José da Mota Amorim e Alberto Monteiro.

Depois foram lidas e discutidas todas as teses publicadas em *A Batalha* resolvendo-se habilitar o delegado ao 1.º Congresso Confederal a proceder conforme as resoluções da assembleia, respeitantes a cada uma das teses, ficando para a proxima assembleia, que se realizará na proxima terça-feira, o restante da ordem dos trabalhos, que ficou por discutir em consequência de a assembleia de ontem não funcionar por falta de número

CONVOCAÇÕES

Compositores Tipográficos—Pelas 18 horas, a assembleia geral para discussão das teses: «Sindicato de Industria Gráfica» «Alterações aos estatutos da F. T. L. J.» e «Manutenção das regalias adquiridas» que serão apreciadas pelo Congresso Gráfico.

S. U. do Mobiliário—Na sede da C. G. T., às 17,30 horas, os delegados ao Congresso Confederal.

Comissão Administrativa—A's 20 horas.

Caixa de Solidariedade—A's 21 horas.

Operários Confeiteiros, Pasteleros, Chocolateiros e Anexos—A assembleia geral, para tratarem de aumento de salário e horário de trabalho.

Sindicato da Construção Civil de Lisboa—Para apreciação das teses a discutir no proximo Congresso Confederal, pelas 20 horas, a assembleia geral.

Conselho Técnico—A's 17,30 horas, a comissão administrativa.

Manufactureiros de Calçado—A assembleia geral, pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos pendentes.

Manipuladores de Pão—A comissão administrativa e de melhoramentos, pelas 12 horas, com a presença do cobrador que prestará contas.

A mesma hora devem comparecer os delegados para distribuição de manifestos.

Encadernadores e Anexos—A assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciar as teses a discutir pelo Congresso Confederal.

Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra—Pelas 18 horas, a assembleia geral, para nomeação dos delegados ao Congresso Confederal.

Pessoal de Reboques e Gasolinas—A assembleia geral com a comparência de todos os socios incluindo os desidentes.

DIAS PRÓXIMOS

Litografos e Anexos—Para apreciar as teses que vão ser presentes aos congressos Gráficos e Confederal reunem amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, em 2.ª convocação, reunirá com qualquer número.

Os delegados de officinas devem convidar todo o pessoal a assistir a esta reunião, visto que se vão tratar assuntos da maior importância.

Convidam-se os delegados a vir dar contas das quotas tiradas nas officinas.

S. U. da Construção Civil—*Secção Profissional dos Pintores*—Reúne amanhã a comissão revisora de contas, pelas 21 horas, com a presença do tesoureiro.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação—Para assunto grave, reúne amanhã, pelas 21 horas, o convite federal.

Núcleo de Lisboa—Por resolução do Secretariado Central deste Núcleo foi aberta uma subscrição voluntária para atender às despesas da delegação das Juventudes Sindicalistas ao 1.º Congresso Confederal, a qual será encerrada na proxima quarta-feira, dia 16 do corrente mês, tendo sido emitidas unicamente cinco listas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio—*Conselho Geral (Norte)*—Reúne este organismo com a presença dos sindicatos do Porto, Guimarães, Mourão, Vila Real, Viana do Castelo, Amarante, Ponte de Lima, Penafiel, Famalicão, Viseu e Lamego, tendo resolvido intensificar o movimento pró-conquista das 8 horas de trabalho para o comércio.

Ventilada a realização de conferencias inter-sindicais, o conselho nomeou o camarada Manuel José Pereira Braga, secretário, adjunto da Junta Norte, delegado ao proximo Congresso Confederal.

União dos Empregados no Comércio do Porto—Reúne a assembleia geral no proximo dia 11, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Nomeação de um delegado à U. S. O.; nomeação de delegado ao Congresso Confederal; resolver sobre a realização de conferencias inter-sindicais; preencher cargos vagos na comissão administrativa; discussão das teses ao Congresso Confederal; apreciação do relatório do delegado enviado a Lisboa, a fim de tratar do horário de trabalho.

No caso de não haver número, realizar-se-há a assembleia no proximo dia 14 à hora indicada.

S. U. Metalúrgico de Almada—Previne que futuro a cobrança passa a ser feita nos domicilios, pelo que todos os sindicatos deverão prevenir suas familias, e os que não tenham enviado para a sede as suas moradas, faze-lo com brevidade.

O cobrador é o camarada Pais da Sociedade Nova.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Obras das Casas Económicas da Ajuda

A crise de trabalho na industria da Construção Civil desenvolve-se duma forma assustadora.

Como se não bastasse a existência de mais de um milhar de operários desta industria sem trabalho os delegados do Sindicato de Lisboa vêm de ser informados que, por motivo de falta de verba, no proximo sábado serão despedidos das obras das Casas Económicas da Ajuda mais 250 operários. Absorvidos, por certo, pela propaganda das suas candidaturas ao proximo acto eleitoral, os governantes têm descuidado o assunto, contra o que o Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa protesta.

Amanhã reúne a Secção Sindical de Belém, pelas 17 horas, para se occupar da crise e resolver o caminho a seguir.

Uma resolução da Federação Corticeira Nacional

Reuniu o conselho federal deste organismo para mais uma vez, apreciar a baixa de 20 % que os industriais pretendem impor à classe.

O conselho ouviu a comissão que entrevistou os representantes dos industriais os quais mantêm o mesmo criterio, isto é, baixarem os salários, retirando os 20 % que a classe reivindicou a quando da ultima greve.

O conselho em presença dum documento que lhe foi presente, deliberou manter a resolução anteriormente tomada, isto é, não aceitar a pretensão dos industriais, de harmonia com as indicações dos sindicatos que para esse efeito fossem consultados. Por esse facto mais uma vez exorta todos os sindicatos a actuarem de harmonia com o resolvido.

O II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

A comissão organizadora deste Congresso tem prosseguido activamente nos trabalhos preparatórios, tendo ontem reunido mais uma vez, constatando, pela correspondência e adesões recebidas, o entusiasmo que a sua realização está despertando nos meios gráficos, pois quasi todos os organismos da industria do Livro e do Jornal já enviaram as suas adesões, tendo já alguns nomeado os seus delegados.

Ainda esta semana sairá mais um número do órgão federativo que inserirá as restantes teses que vão ser presentes àquella magna reunião e que são as seguintes: «A mulher e os menores na industria gráfica», «Estabilidade do órgão federal», «Reivindicações de caracter moral e profissional dos Vendedores dos Jornais de Lisboa e Porto», «Nem por Berlim, nem por Moscova, nem por Amsterdã—Pela unidade sindical e «Cota de resistência».

O Congresso realiza-se nos proximos dias 20, 21 e 22 nas salas da Associação dos Empregados no Comércio de Santarém, rua de São Nicolau.

Os organismos que até agora enviaram a sua adesão são os seguintes:

Sindicato dos Profissionais de Imprensa, Liga das Artes Gráficas do Porto, Associação de Classe dos Litógrafos e Anexos de Lisboa, Associação de Classe dos Distribuidores de Jornais do Porto, Associação de Classe dos Encadernadores e Anexos, Liga das Artes Gráficas de Santarém, Associação de Classe dos Compositores Tipográficos de Lisboa, Liga dos Vendedores de Jornais de Lisboa e Associação dos Litógrafos do Porto.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Congresso Confederal

A adesão da Associação dos Maquinistas Fluviais

A assembleia geral da Associação dos Maquinistas Fluviais, em sua ultima reunião, resolveu aderir ao Congresso Confederal e enviar um seu delegado àquella magna assembleia

HORARIO DE TRABALHO

Como se exploram as mulheres e os menores na Litografia Tejo

Os proprietários da Litografia Tejo, na rua Saraiva de Carvalho, só trazem ao seu serviço aprendizes e mulheres, porque se prestariam melhor a desrespeitar o horário de trabalho, e, porventura, porque lhes daria mais proveitos.

Há algumas semanas, a pedido dos industriais, as operárias faziam duas e três horas extraordinárias por dia, e, qual não foi o seu espanto, quando, ao fim de duas semanas de consecutivos serões, foram suspensas por falta de trabalho.

Eis o resultado das horas suplementares. Se as não tivessem feito teriam trabalho por mais uns dias pelo menos.

Como já há alguma coisa que fazer foram readmitidas, mas já lhes exigiram que trabalhassem no domingo passado, avisando-as de que, provavelmente, teriam de fazer serões.

Como algumas se recusassem a trabalhar no domingo, logo as ameaçaram de, quando houvesse falta de trabalho, serem as primeiras a ser suspensas.

Procedem assim esses senhores porque não têm um pessoal consciente, que todo se recuse a usar de um direito que lhe não pode ser negado—o horário máximo de oito horas.

Procedem assim porque têm a certeza de poderem tripudiar mais livremente sobre as mulheres e as crianças do que o fariam sobre homens.

Não seria também descabido que o Sindicato dos Litógrafos averiguasse se o pessoal está seguro contra accidentes de trabalho.

Um encarregado recompensado por tirar o pão a um operário

Na fábrica «Napolitana» não há o menor respeito pelo horário de trabalho, porque assim o quer a empresa e porque muitos operários se curvam à sua vontade em prejuizo dos seus interesses e dos dos seus camaradas.

E assim, aqueles que têm a altivez necessária para não traír o horário de trabalho, cumprindo-o com a consciência de que defendem uma regalia necessária aos interesses morais e materiais do operariado, vêem ameaçado o seu pão e o dos seus.

Ainda no passado sábado o encarregado Alexandre, não lhe convindo que o operário Francisco Pinheiro, porque terminantemente se opôs a trabalhar mais do que as oito horas por dia, foi procurado depois de findo o trabalho, collocando-o numa situação que o obrigou a abandonar a fábrica.

Como recompensa deste belo serviço prestado à empresa, que pretende ver o pessoal trabalhando até mais não poder, sem contemplação pela sua saúde sequer, concedeu-lhe o gerente Maia três dias de licença, com vencimentos, está bem de ver...

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

José António da Velha—Coimbra—Novamente pedimos responsáveis aos officios enviados.

Sindicato de Guimarães—Aguardamos resposta.

Delegação Federal do Norte—Idem.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Setúbal—*José Maria Major*—Passem a mandar para o Núcleo de Silves 25 jornais.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$50 Pedidos à administração de A BATALHA

No baixo Alentejo

A miséria dos mineiros, a tuberculose como prêmio do trabalho, não bastaram ainda para os arrancar ao fanatismo e à ignorância

SÃO SEBASTIÃO DOS CARROS, 8.—Nesta localidade perdida na fundo do Alentejo, quasi ao pé da raia, também se sentem cruelmente as agruras originárias da iniqua organização autoritária-capitalista. O povo não possui a consciência deste mal que sofre, embora o sinta e gema. Mas não sabe quais são as suas causas. Porisso atribui-as a castigos de Deus e leva a vida a implorar-lhe, a santa misericórdia. E a miséria proveniente dos salários baixos e do trabalho excessivo, não existe só nesta localidade, alarga-se pelas terras circunvizinhas indo marcar o seu estigma doloroso sobre todos os trabalhadores da vila ou do campo, que encontre por esse mundo fóra. Por exemplo, aí vai um caso muito doloroso.

Há dias indo eu de viagem, alta madrugada, cheguei à povoação de Bica, pelas 11 horas, depois dumaz poucas de leguas andadas a pé.

Parei aqui para visitar um camarada mineiro que a tuberculose derrubara depois de muitos anos de trabalho insano, no interior da terra dançante. Levava comigo uma quantia, produto duma subscrição que tínhamos feito a seu favor.

E deparou-se-me um quadro confrangedor. Um casebre baixo, irrispirável, impróprio de habitação, era a casa deste mineiro, deste soldado do trabalho prostrado e condenado para sempre.

A mulher e os filhos, esfarrapados, choraram agradecendo a *esmola* que lhe levava. Abandonei a Bica com o coração amarfanhado pela dor.

Constata-se nesta bacia mineira que uma grande percentagem de mineiros vem acabar desta maneira, enquanto meia dúzia de lavradores e de industriais, ganhando rios de dinheiro. Pensam porventura depois destas considerações que o povo vive revoltado, que odeia os seus opressores e recebe com carinho os que, como nós, lhe pregam a verdade dum mundo melhor?

Não, e antes pelo contrario.

Camaradas que aqui propaguem ideias avançadas, e critiquem a Igreja e o Capitalismo, são nada mais, nada menos do que apodados de *malucos*. Os operários desta localidade só sabem trabalhar; não sabem estabelecer o contraste entre o esforço que dão e o salário que recebem.

Que miséria! Que desgraça!

Vivem sob a pressão do padre, do capitalista, e pensam que assim embora sofrendo ganham o Ceu. No entanto não de animamos e temos esperança que mais alguns camaradas desta terra se juntarão a nós, cada vez mais, até construir legião.

—Miguel.

Sessão de Propaganda

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina, realiza-se hoje, pelas 20 horas, na sede da secção da construção civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.ª uma importante sessão de propaganda e de interesse para o proletariado desta área, em que usará da palavra delegados da C. G. T., Camarada Sindical do Trabalho de Lisboa, Federações da Construção Civil, Metalúrgica e Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa.

SOLIDARIEDADE